

## A DESVALORIZAÇÃO DO SENSO COMUM

**Raquel Elena Rinaldi Maciel<sup>1</sup>**

### RESUMO:

O presente artigo tem o escopo de avaliar até que ponto a oposição entre ciência e senso comum se justifica e até que ponto ela é um produto das diferenças sociais e econômicas que contrapõem os grupos sociais no campo dos interesses. A defesa da superioridade qualitativa da ciência é dispensável neste trabalho que busca o aprofundamento em relação ao senso comum afim de nele encontrar algo além do que os aspectos negativos que facilmente são detectados quando comparado com o conhecimento científico, demonstrando sua utilidade como conhecimento. Entendendo que a ciência e o senso comum são formas de conhecimento que não se excluem, este trabalho pretende revisitar a epistemologia Bachelardiana bem como a visão de outros autores, desenvolvendo uma crítica a fim de demonstrar a importância do senso comum, sem caracterizá-lo como ciência.

### PALAVRAS-CHAVE:

ciência, senso comum, Obstáculos epistemológicos, ruptura epistemológica, vigilância epistemológica, funções sociais da ciência.

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Teoria e Filosofia do Direito da UERJ

**ABSTRACT:**

This article has the scope to assess to what extent the opposition between science and common sense is justified and to what extent it is a product of social and economic differences that oppose social groups in the field of interests. The defense of the qualitative superiority of science is dispensable in this work that seeks to deepen in relation to common sense in order to find in it something beyond what the negative aspects that are easily detected when compared with scientific knowledge, demonstrating its utility as knowledge. Understanding that science and common sense are forms of knowledge that are not mutually exclusive, this work intends to revisit Bachelard's epistemology and the sight of others, developing a critique in order to demonstrate the importance of common sense without characterizes it as science

**KEYWORDS:**

Science, common sense, Obstacles epistemological epistemological break, epistemological vigilance, social functions of science.

**INTRODUÇÃO:**

A ciência moderna nasce declarando guerra ao senso comum, estabelecendo graus de hierarquia entre os conhecimentos, pois aqueles oriundos dos sentidos e da percepção comum seriam inferiorizados em relação ao conhecimento alcançado a partir da razão.

A valorização filosófica do senso comum esteve ligada ao projeto político de ascensão da burguesia, que ao chegar ao poder descartou o conceito filosófico do conhecimento vulgar, fazendo com que as ciências naturais seguintes fossem produzidas sem levá-lo em consideração. Tal conhecimento serviu somente enquanto fora libertário, sendo então descartado (por exemplo, a questão da igualdade foi um grande senso comum, mas depois que mudou o mundo passou a não valer mais). A idéia do senso comum representou o combate ideológico da burguesia contra o velho regime, mas com a

vitória do projeto burguês caiu em desvalorização, sendo rebaixado a uma categoria inferior, passando a ser combatido pelas ciências sociais posteriores.

Se do ponto de vista das ciências naturais o senso comum ocupa uma posição secundária, do ponto de vista dos diversos autores reunidos neste artigo, esta posição inferiorizada, relegada a segundo plano, poderá ser questionada.

## CONCEITO DE SENSO COMUM

Para Adolfo Sánchez Vásquez, senso comum é

o ponto-de-vista do (...) praticismo; prática sem teoria, ou com o mínimo dela Na consciência de senso comum “o prático - entendido num sentido estritamente utilitário - contrapõe-se à teoria. Esta se faz desnecessária ou nociva para a prática(...) o ponto-de-vista do senso comum docilmente se desdobra aos ditames ou exigências de uma prática esvaziada de ingredientes teóricos<sup>2</sup>.

Em lugar destes tem-se “uma rede de preconceitos, verdades estereotipadas e, em alguns casos, superstições de uma concepção irracional (mágica ou religiosa) do mundo”. Para o senso comum “a prática se basta a si mesma”.

Já Boaventura de Sousa Santos<sup>3</sup> ensina que o senso comum seria o típico conhecimento afirmado com base nas experiências vividas, e no contato com determinada realidade. Para ele, senso comum é

o menor denominador comum daquilo em que um grupo ou um povo coletivamente acredita” tendo, por isso, “uma vocação solidarista e transclassista. (...)O senso comum é o modo como os grupos ou classes subordinados vivem a sua subordinação” mas “essa vivência (...) longe de ser meramente acomodatória, contém sentidos de resistência que, dadas as condições, podem desenvolver-se e transformar-se em armas de luta.

Gramsci<sup>4</sup> afirma que “a filosofia do senso comum é a filosofia dos não filósofos, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio” e por isso o senso comum se caracterizaria por uma visão difusa marcada pela ideologia dominante, fragmentária e desagregada. Entende ele que o senso comum é a incorporação em um estado intermediário da ideologia difundida pelos grupos dominantes. Porque a difusão da ideologia do grupo politicamente dominante na sociedade ocorreria através de uma estrutura ideológica organizada fazendo com que

<sup>2</sup> Adolfo Sanchez Vasquez, “Filosofia de la Praxis, 1967, p.211

<sup>3</sup> Boaventura Souza Santos, “introducao à ciencia pós moderna”, p.37

<sup>4</sup> Gramsci, 1981, p.143

cada camada social a absorvesse de maneiras distintas, sendo sua incorporação em um estado elevado tida como filosofia, em um estado intermediário tida como senso comum e em um estado inferior tida como religião.

Souza<sup>5</sup>, afirma que o senso comum é

constituído tanto por conhecimentos pragmáticos, que nos ajudam na vida cotidiana, quanto por ideologias e falsas idéias que mantêm a imensa maioria dos indivíduos presos a esquemas de comportamentos e de interpretação do mundo e da vida superficiais de modo a legitimar o mundo como ele existe. (...) por um lado o senso comum nos transmite conhecimentos pragmáticos fundamentais, (...), por outro reproduz os esquemas do poder dominante, que só podem se perpetuar enquanto tal se as causas da dominação e da desigualdade injustas nunca puderem ser reveladas(...).

Academicamente o senso comum é caracterizado pela ausência de crítica e pensamento reflexivo, e por portar relatividade. É um saber imediato, subjetivo e individualizador, que exprime sentimentos individuais e de grupos variados, na mesma medida em que cada um interpreta do modo como entendeu. Reproduz-se com às trajetórias e às experiências da vida de um dado grupo social, assim se afirmando e gerando confiança. É transparente e indisciplinar, não sendo produzido por uma prática orientada, mas reproduzindo-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida.

### **SENSO COMUM E A RUPTURA NA EPISTEMOLOGIA DE BACHELARD**

Quando pensado na chave da dicotomia bachelardiana ciência/senso comum, este é visto de forma negativa devido a ausência de reflexão sobre si próprio. Segundo Bachelard<sup>6</sup>,

a finalidade da ciência é justamente contestar o mundo dos objetos do senso comum, rompendo com as evidências do mundo real, construindo um novo código de leitura através de um corpo de novos objetos e das novas relações entre eles, e de novos sistemas de conceitos e as novas relações entre esses conceitos. Para tanto, a ciência supõe construção, não comportando a imediatividade nem a espontaneidade próprias do senso comum que não se enquadraria no conceito de conhecimento científico justamente por ser um conhecimento imediato, carente de construção, não passando de um punhado de opiniões que caracterizariam uma forma de conhecimento falso que pensa o que existe tal como existe, sendo necessariamente conservador, fixista, ausente da crítica.

---

<sup>5</sup> Jesse Souza, "A ralé Brasileira ". p.48

<sup>6</sup> Bachelard, 1996, p. 36

Seria um conhecimento pessoal que não se repete em outras pessoas pois se origina a partir das experiências de cada um, o que o torna incapaz de ser científico sob a ótica Bachelard, que entende serem necessários ruptura, construção e constatação à qualquer prática científica.

Para que haja a separação do senso comum e a ascensão da ciência é necessária a ruptura epistemológica. Ao questionar-se sobre a possibilidade de avanço do conhecimento científico, Bachelard acaba por criar o termo “obstáculo epistemológico” com o qual a ciência deverá romper para que haja progresso científico. O senso comum seria, pois, um obstáculo epistemológico. “Na formação do espírito científico, o primeiro obstáculo é a experiência primeira, a experiência colocada antes e acima da crítica— crítica esta que é, necessariamente, elemento integrante do espírito científico”<sup>7</sup>. Através da ruptura, a observação científica abandona os conhecimentos do senso comum, rompendo com o conhecimento anterior, rejeitando a zona de conforto proporcionada pelas idéias vulgares. Eis o que torna árduo o trabalho do cientista que através do novo construirá contra um objeto anterior já conhecido.

A dinâmica para se pensar a ciência Bachelardiana supõe sempre uma novidade implicando em ruptura, pois o novo sempre supõe uma condição a ser superada após a definição de obstáculo epistemológico. A ruptura caminha junto ao obstáculo epistemológico, que consiste na resistência intelectual capaz de bloquear a produção de conhecimento científico. Bachelard afirma que os obstáculos são produtos da relação entre a imaginação e a prática do cientista, sendo experiências que nos colocam em contato com certa realidade nos permitindo falar delas, como uma forma de resistência. As experiências primeiras geram uma certeza que é impeditiva de um conhecimento novo, renovável, e por isso são obstáculos. Todo conhecimento se faz contra conhecimentos não surgindo a partir do nada.

Santos<sup>8</sup> afirma que a epistemologia de Bachelard é um fator de ordem e estabilidade sem o qual não é possível pensar a próxima revolução científica, pois suas aquisições representam um progresso notável no sentido da racionalização do mundo. A Ruptura Epistemológica capaz de produzir uma ciência social ocorreria através dos princípios da “não consciência” e do “primado das relações sociais”, formulados por

---

<sup>7</sup> BACHELARD, 1996, pp.29

Durkheimer, mas de difícil aplicação devido aos obstáculos epistemológicos, somente superados por uma constante vigilância epistemológica.

O “principio da Não Consciência” estabelece que o sentido das ações sociais deve ser encontrado no sistema global de suas relações sociais e não nas intenções dos agentes que realizam tais ações. Já o “Principio do Primado das Relações Sociais”, ensina que os fatos sociais se explicam através de outros fatos sociais e não através de fatos naturais nem de fatos individuais. Estes últimos seriam explicados pelos sistemas de relações sociais e históricas nos quais estão inseridos.

A ruptura epistemológica Bachelardiana só pode ser compreendida dentro do paradigma da ciência moderna constituído contra o senso comum, pressupondo o conhecimento científico como única fonte de conhecimento válido posto que objetivo, desconfiando das aparências e fachadas, e procurando a verdade nas costas dos objetos. Para isso, se orienta na racionalidade instrumental, rechaçando as orientações da vida prática, subordinando objeto ao sujeito e desqualificando as qualidades que dão sentido à prática, bem como o senso comum, que significaria um conhecimento superficial e ilusório.

Baseada na ruptura, representaria o campo limitado aonde o paradigma se origina podendo resolver crises através da variação de respostas, sem que ele próprio entre em crise. Ou seja, haveriam limites aonde o campo cognitivo interno é organizado e confirmado, enquanto o campo cognitivo externo pode ser desorganizado. Tais limites deveriam ser muros intransponíveis, mas não o são. Kuhn<sup>9</sup> entende que a propositura de soluções para as crises do campo interno do paradigma ao invés de solucionar-las acaba por gerar mais crises, assim como a reprodução nos discursos vulgares das condições sociais e teóricas que não foram pensadas pelos paradigmas também geram crise. Considera os paradigmas como realizações científicas universalmente reconhecidas que durante certo tempo proporcionaram modelos de problemas e soluções na comunidade científica e orientaram a pesquisa quanto aos critérios adotados. Ocorre que não são submetidos a nenhum confronto com a realidade, sendo inquestionáveis, tendo sua consistência inabalada por críticas que poderiam ser um teste para o verificacionismo pois caso um cientista chegue a um resultado diverso do paradigma ele acabará descartando-o não questionando que o erro possa residir no próprio paradigma. Por isso para Kuhn a

---

<sup>9</sup> Kuhn, 2003, p.78.

atividade de pesquisa não seria um empreendimento crítico, pois toda ciência comporta uma dimensão ideológica não havendo ciência absolutamente destituída de dogmas. A partir do momento que uma ideia se torna consenso, se torna senso comum. Logo se faz necessário justificar o critério, pois do ponto de vista da pesquisa científica nada pode ser tomado como um dado naturalmente compreendido em razão de uma concordância comum.

## **DUPLA RUPTURA EPISTEMOLOGICA**

Santos vai além ao afirmar que deverá haver ruptura na própria ruptura epistemológica, ou seja, a dupla ruptura epistemológica. Esta não significaria a nulificação da ruptura anterior, primária, pois não haveria regresso ao estado anterior. Significaria a transformação do senso comum com base na ciência constituída. Pois se primeiramente rompe-se com o senso comum para constituir ciência, a segunda ruptura transformará aquele com base nesta.

A dupla ruptura epistemológica seria a ruptura da ruptura anterior, que permitirá destruir a hegemonia da ciência moderna sem perder as expectativas que ela gera. Desconstruirá a ciência garantindo a emancipação e a criatividade da existência individual e social, através da superação do desnivelamento dos discursos, da superação da dicotomia contemplação/ação; e do reequilíbrio entre adaptação e criatividade. Assim garantirá uma forma de conhecimento sábio e ao mesmo tempo prático, que transcende o próprio conhecimento científico.

Para que haja esta dupla ruptura é necessário superar o desnivelamento dos discursos. Foucault<sup>10</sup> ensina que nas sociedades há um desnivelamento dos discursos produzidos pelo senso comum, dito discursos vulgares, e os discursos eruditos, e que este desnivelamento deve ser superado. Também há necessidade de encontrar um novo equilíbrio entre a adaptação e a criatividade pois as ciências e as tecnologias foram criadas para exercitar o poder adaptativo do homem deixando de lado a criatividade. Para que esta seja valorizada é necessária uma ciência que privilegie as consequências, obrigando o homem a refletir sobre os custos e benefícios entre o que pode fazer e o que pode ser feito.

---

<sup>10</sup> Foucault, 1969.

**PROXIMIDADE ENTRE CIENCIA E SENSO COMUM:**

Há uma diabolização moderna do senso comum diante da necessidade da ruptura com a ciência. Santos diz que grande parte das ciências sociais não desejam tal ruptura, e se relacionam com o senso comum de forma complexa. E mesmo as ciências sociais que propõem a ruptura, salientam os pontos positivos e os negativos do senso comum, negando portanto que seu conteúdo seja totalmente descartável. Afirma que no processo de ruptura deve-se evitar a hierarquização para que não se valora aquilo que é mais significativo em detrimento do que é menos significativo, pois neste caso teremos uma forma de conhecimento ocupando uma posição superior em detrimento de outra em posição inferior, neste caso o senso comum. E quando isso ocorre não se procura ouvir o que o outro tem a dizer pois isso passa a ser visto como obstáculo para o conhecimento científico. A importância da epistemologia bachelardiana é entender que há diferença e que a ciência também é resultante do conhecimento que se vive podendo haver senso comum dentro da ciência.

Mesmo possuindo a capacidade de naturalizar as desigualdades, refletindo um viés conservador e preconceituoso de uma sociedade de classes, Santos<sup>11</sup>, ensina que não podemos opor diametralmente o conceito do senso comum ao da ciência, propondo o reencontro da ciência com o senso comum, sugerindo uma visão alternativa que resgata os aspectos positivos dos saberes cotidianos, sobretudo o seu potencial para os projetos de emancipação social e cultural. Existiriam pontos em comum capazes de negar tal oposição: a restituição de sentido pelo senso comum, mesmo através de um caráter ilusório ou superficial pois ele significaria um modo de vivência de subordinação de uma classe a outra contendo sentidos de resistências capazes de transformar-se em armas de luta; a ausência de um caráter fixista no senso comum que varia de sociedade para sociedade, pois dependeria do conjunto de relações sociais presentes no contexto em que é produzido já que cada um responde de acordo com sua posição no mundo; e a presença de preconceitos constituindo o senso comum bem como a ciência. Citando Gadamer<sup>12</sup>,

---

<sup>11</sup> Boaventura Souza Santos,

<sup>12</sup> Gadamer, 2008.



também afirma que os preconceitos são constitutivos de nosso ser e nos capacitam a agir não podendo ser dispensados.

O autor supracitado entende também que a época em que vivemos hoje deve ser considerada “uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma” que ele designa “ciência pós-moderna”. Reconhece que haveria uma nova relação entre ciência e senso comum, em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo novo. Ambos devem se superar para dar lugar a uma nova forma de conhecimento através da dupla ruptura epistemológica que visa criar uma forma de conhecimento; pois deverá ser feita a ruptura com o senso comum, constituindo a ciência prudente, e posteriormente com a própria ruptura epistemológica, transformando o senso comum com base na ciência constituída.

Uma vez feita a ruptura epistemológica com o senso comum, o ato epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica [...]. Enquanto a primeira ruptura é imprescindível para construir a ciência, mas deixa o senso comum tal como estava antes dela, a segunda ruptura transforma o senso comum com base na ciência. Com essa dupla transformação pretende-se um senso comum esclarecido e uma ciência prudente... (Bachelard, p. 41).

## POSITIVIDADE DO SENSO COMUM

Bachelard declara guerra ao senso comum por considera-lo um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento da ciência, devendo ser superado. De fato, o exitoso desenvolvimento das ciências naturais entre os séculos XIX e XX acabou por transformar os saberes populares em obstáculos à uma visão científica do ser humano.

Porém Gramsci reconhece a existência de elementos positivos no senso comum, passando a denominá-lo de “bom senso”. Para ele, embora o senso comum reproduza a ideologia do grupo dominante, os intelectuais ligados as classes populares deverão resgatar nele o bom senso, e assim ele entende ser o senso comum um processo que pode vir a ser ilustrado com noções filosóficas e científicas existentes nos costumes e nas praticas quotidianas. Na visão gramsciana *“o senso comum ocuparia um lugar intermediário entre a filosofia e o folclore propriamente dito, e o filósofo tem a tarefa de superar a idéia errônea de que o senso comum é a filosofia original dos grupos populares*

(GRAMSCI 1979)<sup>13</sup>”. Atento aos aspectos positivos ele afirma que o senso comum se manifesta como atitude do homem comum. Seu caráter supersticioso, preconceituoso e irracional, refletiria apenas as possibilidades que uma consciência comum tem de reagir contra o “não-sentido” das coisas. E tal atitude seria positiva e não é menos digna que a atitude científica de buscar compreender as mesmas situações e problemas visando dominá-los para melhor agir sobre eles. Impulsionado pelas necessidades, o homem comum agiria sem formulações metódicas e teóricas. Por ser sensível e por ser dotado da capacidade de reagir, desenvolveria interpretações criando soluções. No lugar dos instrumentos científicos - que lhe são inacessíveis - o homem comum procuraria contar com seu “bom senso” [9-p.16]. O homem comum, e não apenas a ciência, também acerta.

O autor reconhece a presença de um núcleo positivo no *senso comum*, o qual chama de “*bom senso*”, e não vê o *senso comum* como algo estático e acabado, mas como um processo contínuo que, em contato com os intelectuais, pode ser enriquecido com noções científicas e filosóficas que gradativamente penetram nos costumes. O *senso comum* é considerado o folclore da filosofia e, numa visão gramsciana, ocupa sempre um lugar intermediário entre o folclore propriamente dito e a filosofia. Caberia a filosofia a praxis de superar a ideia equivocada de que o *senso comum* é uma filosofia original e autônoma dos grupos populares, desmascarando a sua realidade contraditória e alienada.

Serge Moscovici<sup>14</sup>, ensina que o *senso comum* não pode continuar a ser tido como incoerente, deficiente e errado devendo ser visto como um elemento intermediário entre a ciência e a ideologia, capaz de ligar os indivíduos à sua cultura, sua linguagem e a seu mundo familiar, sendo inclusive fonte da psicologia social. Para ele é necessário reabilitar o conhecimento comum, próprio das experiências diárias, linguagens e práticas cotidianas, e abandonar a ideia de que somente os intelectuais são capazes de pensar racionalmente, pois o povo também teria tal capacidade. Ao contrário da ciência, o senso comum não dissocia seu conteúdo de seu raciocínio fazendo com que ambos caminhem juntos. O senso comum seria a ciência tomada comum, estando, portanto, em contínua criação.

---

<sup>13</sup> Gramsci, 1981, p.9-16

<sup>14</sup> MOSCOVICI, 2003, P 35

# REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.

BOAVENTURA, S.S. **Introdução a uma ciência pós moderna**, Porto: Afrontamento, 1989 (6ª edição). Também publicado no Brasil, São Paulo: Graal (3ª edição).

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**, 1969.

[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arqueologia\\_do\\_saber&action=edit&redlink=](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arqueologia_do_saber&action=edit&redlink=)

GADAMER, **Verdade e Método**, V.1 e 2., editora vozes, 2008.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. Tradução de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1979.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em Psicologia Social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.